

VISÃO DO CORREIO

Escalada na tensão global

A eclosão de um conflito direto entre as forças dos Estados Unidos e do Irã no último dia de fevereiro de 2026 marca o fim de uma era de contenção e o início de uma jornada imprevisível para a segurança global. Quando duas potências com capacidade bélica expressiva se colocam em rota de colisão, o mundo inteiro sente os efeitos — seja nos mercados, seja na segurança, ou na política. O que antes eram ameaças retóricas e sanções econômicas evoluiu para ofensiva militar aberta, justificando-se sob a bandeira da “mudança de regime” e da neutralização das ambições nucleares de Teerã.

A decisão da Casa Branca de autorizar bombardeios contra o aparato militar iraniano e instalações de mísseis coloca o Oriente Médio em um estado de alerta extremo. O objetivo declarado de “arrasar a indústria de mísseis” do Irã carrega o risco de uma escalada no conflito. O Irã, embora sob forte pressão econômica interna e protestos populares, detém uma estrutura de segurança resiliente e uma rede de aliados regionais capaz de transformar um ataque em uma guerra regional prolongada.

Diante da morte do seu líder supremo, Ali Khamenei, o Irã prometeu “a maior ação ofensiva da história da República Islâmica”. O presidente Donald Trump rebateu e afirmou que os Estados Unidos atacarão o Irã com “uma força nunca antes vista”, caso haja retaliação.

A ampliação do conflito pode comprometer rotas estratégicas de energia, pressionar o preço do petróleo e, por

consequência, alimentar a inflação em diversos países. Qualquer abalo tende a repercutir de forma imediata nos custos de transporte, na produção industrial e no poder de compra das populações.

A principal arma de Teerã não é apenas o seu arsenal de drones, mas a geografia. O Estreito de Ormuz, por onde transita 20% do petróleo mundial, está sob ameaça direta de fechamento ou bloqueio parcial. Analistas já projetam o barril de Brent batendo nos US\$ 100 caso a interrupção no fornecimento se prolongue.

No campo diplomático, o conflito impõe desafios adicionais. O Brasil, historicamente, defende soluções negociadas e o fortalecimento do multilateralismo. Em meio à polarização crescente no cenário internacional, manter uma postura equilibrada, comprometida com o diálogo e com o direito internacional torna-se tarefa delicada. O Itamaraty já condenou os ataques e pediu a proteção de civis. O desafio será equilibrar as relações com os EUA sem sacrificar parcerias comerciais estratégicas no Oriente Médio e nos Brics.

O momento exige prudência e responsabilidade das lideranças globais. A diplomacia não é sinal de fraqueza, mas instrumento essencial de contenção de danos e construção de estabilidade. A história demonstra que conflitos prolongados raramente produzem vencedores claros; ao contrário, deixam um rastro de perdas humanas, econômicas e institucionais. Para o Brasil e para o mundo, a escalada entre Estados Unidos e Irã é um lembrete contundente de que a paz internacional é um ativo frágil.



PATRICK SELVATTI
patrickselvatti.df@correio.cbnet.com.br

Parece eterno, mas não é

A morte de figuras públicas como Manoel Carlos e Dennis Carvalho provoca no Brasil uma comoção que ultrapassa o campo da simples admiração. Mesmo sem nunca termos cruzado seus caminhos, sem que eles soubessem de nossa existência, sentimos tristeza real, luto legítimo, uma sensação de perda íntima. Por quê?

A resposta passa, antes de tudo, pela maneira como essas personalidades ocuparam o espaço simbólico da vida cotidiana. Suas obras simbolizavam presenças constantes que entraram nas casas e acompanharam momentos decisivos: uma infância diante da televisão, uma adolescência embalada por músicas, uma fase difícil atravessada por risadas ou por personagens que ofereciam consolo. Ao longo do tempo, constrói-se uma relação que, embora unilateral, é afetiva. Quando nós reconhecemos nas novelas escritas por Manoel Carlos e dirigidas por Dennis Carvalho, estamos, de certa forma, estabelecendo um pacto emocional: eles passam a integrar nossa narrativa pessoal.

Não se trata de idolatria vazia, mas de identificação. E, quando adoecem, sofrem ou morrem, a ilusão de distância se rompe. Assim, somos lembrados, abruptamente, de que também somos finitos. A morte de um artista conhecido funciona, assim, como um espelho coletivo da vulnerabilidade. Não é apenas “ele morreu”. É “alguém que parecia eterno não é”. É o fim de uma referência, de uma voz familiar, de um ponto de estabilidade simbólica. Cada perda dessas reabre, em pequena escala, nossa própria consciência da mortalidade.

E há, também, um componente geracional. Esses nomes assinaram produções que marcaram épocas específicas

e representam fases da história do país, momentos da cultura, mudanças de comportamento. Quando partem, levam-se junto um pedaço do tempo vivido. A morte não atinge apenas o indivíduo, mas a memória coletiva que ele ajudou a construir.

O luto, portanto, não é exagero nem histeria coletiva, mas uma resposta legítima a uma relação simbólica profunda. Choramos não apenas pela pessoa que se foi, mas pelo que ela representava. E, em tempos de redes sociais, esse fenômeno se intensifica. A proximidade é simulada diariamente: vemos artistas acordando, viajando, adoecendo, desabafando... Acompanhamos de perto a jornada de luta contra o câncer de Preta Gil, rezamos junto com a família para que Paulo Gustavo se curasse da covid, ficamos incrédulos quando soubemos que o avião de Marília Mendonça havia caído. A fronteira entre público e privado se dilui, e a morte, nesse contexto, parece ainda mais próxima, concreta e dolorosa.

No fundo, o luto por celebridades é, também, um exercício coletivo de humanidade. Ele nos lembra de que a arte não é abstrata, mas nasce de corpos, vozes e histórias que, um dia, se silenciam e que, enquanto existiram, nos ajudaram a atravessar a vida. Assim, quando uma dessas figuras parte, sentimos que algo em nós também se desloca. Não porque a conhecíamos pessoalmente, mas porque ela nos conhecia indiretamente, por meio de nossas emoções. E isso, paradoxalmente, cria uma forma real de intimidade.

No fim, chorar por eles é uma maneira de agradecer, reconhecendo que, em algum momento, foram essenciais para quem fomos e que continuam vivos na memória afetiva de um país inteiro.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Penduricalhos

Parece brincadeira os penduricalhos nos salários do Judiciário e do Congresso Nacional brasileiro. Toda a população fica estarrecida com cada iniciativa no sentido de maximizar esses extremos benefícios. Grande parcela da população brasileira possui vencimentos que quase não são suficientes para viver. No Nordeste, principalmente, os proventos são muito baixos. Nesses segmentos, os contribuintes pagam todos os seus impostos normalmente e vivem com essa renda mínima ou menos ainda. Os parlamentares, em vez de só olharem para seus elevados subsídios e dos que os circundam, precisam olhar, também, para essa população invisível aos olhos de muitos, que precisa ter melhores remunerações, e não viver penas com as benesses do governo. É triste um pai de família que se submete a esses favores do governo, por não ter um piso salarial condizente. Que Deus ajude a cada um desses pequeninos!

» João Coelho Vítola
Asa Norte

Redes

O episódio do massacre ocorrido em uma escola em Ottawa, no Canadá, poderia ter sido evitado. A descoberta de que a OpenAI, responsável pela plataforma ChatGPT, baniu o atirador da plataforma, mas não comunicou às autoridades o potencial criminoso do usuário demonstra claramente que redes sociais e plataformas de IA não podem permanecer sem regulamentação. Espero que a sociedade pressione nossos congressistas por uma regulamentação profunda e eficaz das redes sociais e das plataformas de inteligência artificial.

» Marcus Aurelio de Carvalho Santos (SP)

Respeito

Respeito é bom e necessário a qualquer habitante desse mundo de Nosso Senhor. Respeitar para ser respeitado. Esse é o dogma do momento. Momento de reflexão. É o senso comum nessas veredas do universo. Eleva e enaltece a alma. O respeito mútuo deve acontecer em qualquer ambiente, em todos os níveis, tanto no ambiente político quanto fora dele. Ocorre, por exemplo, no caso das relações entre o presidente Donald Trump e o presidente Lula da Silva. O primeiro prefere guerrear, em embates comerciais sem precedentes e perturbadores. O segundo opta pela diplomacia e pelo diálogo. Respeitar para ser respeitado, eis a questão. Respeito

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Incêndio em áreas de hotel de luxo em Dubai após Irã avisar ter feito um ataque: quando acabar a morrer um bilionário, será que a guerra acaba?

Vanusa Souza — Brasília

Vivemos a terceira guerra mundial fatiada. Quero ver quando os grandes começarem a guerrear entre eles. Aí, infelizmente, o bicho vai pegar.

Suemar Souza — Brasília

Trump, megalomaniaco e narcisista, continua armando guerras para tomar conta do mundo. O perigoso é sua sanha de poder acabar com o mundo!

Nilde Sanches — Brasília

Há algo profundamente inquietante na facilidade com que decisões de guerra são tomadas no mundo de hoje. Pergunto: quem tem o direito de decidir quando um país entra em guerra?

Paccelli M. Zahler — Sudoeste

Para quem defende corte de gastos e Estado mínimo, veja o resultado em Minas Gerais: enchentes, desabamentos e famílias sem parentes e sem casa.

Israel Feitosa — Brasília

O desastre em Minas Gerais é mais uma prova de que a crise climática tem que sair da disputa política polarizada e virar prioridade nacional. Até quando famílias vão ver suas casas e suas histórias interrompidas pela cegueira por poder?

Mariana Couto — Asa Norte

é bom, e não se encontra em qualquer lugar. A mensagem de paz do governo brasileiro é flagrante. Isso rende bônus nas negociações multilaterais que ocorrem. O Brasil só tem a ganhar tanto no campo político quanto no econômico e social.

» Enedino Corrêa da Silva
Asa Sul

Redução de jornada 1

A declaração do Partido Liberal (PL) de que fará tudo para impedir a jornada 5X2 escancara, mais uma vez, sua postura real diante do mundo do trabalho. Não se trata de divergência técnica ou debate responsável: é a obstrução deliberada de um avanço que beneficia a maioria dos trabalhadores. Enquanto apresenta um discurso como defensor da liberdade e da família, o PL atua contra melhorias das condições de vida, contra o descanso regular, contra a saúde física e mental de quem vive do próprio trabalho. O resultado é um partido sem projeto positivo, cuja principal ação política é barrar conquistas sociais. Em vez de propor alternativas que conciliem produtividade e bem-estar, prefere o velho papel de representante dos interesses patronais mais atrasados, mesmo que isso signifique manter jornada exaustiva e um modelo de trabalho insustentável.

» Tânia Schwab
Rio Grande do Sul

Redução de jornada 2

Conquistas sociais estão ligadas a avanços econômicos. Em países com a economia mais equilibrada, a redução da jornada de trabalho vem de forma natural, porque as pessoas entendem que é possível ampliar as prioridades sem correr o risco de serem pegas de surpresa por uma recessão, por exemplo. Mas esse não é o caso do Brasil. Aqui, se esse projeto de redução de jornada for para a frente, o dia a mais de folga vai virar um dia a mais de bico. Ou seja, um dia a mais em um trabalho instável, quase sempre

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	SEG a DOM R\$ 1.187,88
			360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2586 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A. Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D4

D.A. Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br